

# Fernando Pessoa e a musicalidade refletida na tradução de “Annabel Lee”

## Fernando Pessoa and the musicality reflected on the translation of “Annabel Lee”

Francisco Francimar de Sousa Alves<sup>1</sup>

*Abstract:* The Portuguese writer Fernando Pessoa translated poems of the North-American story-teller, essayist and poet, Edgar Allan Poe. It is not hard to find compatibilities between Poe and Pessoa concerning their poetics, considering that both poets used “to play” with the sounds of their source languages. Pessoa, the poet-translator, had as a theory the preservation of the foreign text structure, its stylistic devices. Pessoa’s great “obsession” was to maintain the structure of the original poem, its rhythm, its musicality, its essence. Based on his theory, which is grounded on the search of rhythmical-melodic equivalence between original and translated text, this article presents an analysis of the translation of Poe’s “Annabel Lee”, by Fernando Pessoa, taking into consideration mainly its musical aspect.

*Key-words:* Fernando Pessoa, Edgar Allan Poe, translation, poetry, musicality, “Annabel Lee”.

---

<sup>1</sup> Professor da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras. Doutorando em Estudos da Tradução/DINTER-UFSC/UEPB/UEFG

*Resumo:* O escritor português Fernando Pessoa traduziu poemas do contista, ensaísta e poeta norte-americano, Edgar Allan Poe. Não é difícil encontrar entre Poe e Pessoa compatibilidades no que concerne ao fazer poético, considerando que ambos costumavam "jogar" com os sons das suas línguas de origem. Pessoa, o poeta-tradutor, tinha como teoria a preservação da forma do texto estrangeiro, seus materiais estilísticos. Sua grande "obsessão" era tentar manter a estrutura do poema original, seu ritmo, sua musicalidade, sua essência. Partindo do seu princípio básico, que se fundamenta na busca da equivalência rítmico-melódica entre original e texto traduzido, este artigo apresenta uma análise da tradução do poema "Annabel Lee", de Poe, vertida por Fernando Pessoa, levando-se em consideração, principalmente, o seu aspecto rítmico-sonoro.

*Palavras-chave:* Fernando Pessoa; Edgar Allan Poe; tradução; poesia; musicalidade; "Annabel Lee".

## Introdução

Desde Cícero e Jerônimo muito se debate acerca do fazer tradutório de textos literários, sempre tendo como alvo principal das discussões a questão sobre que tipo de tradução é a ideal - a literal ou a livre -, pois, enquanto alguns são favoráveis àquela que busca a fidelidade ao texto-fonte, outros, com a ideia de não serem submissos ao texto original, optam pela criatividade, ao impor à tradução sua própria personalidade. Dentre as muitas divergências no campo da tradução literária está aquela que podemos considerar a mais polêmica tendo em vista a sua complexidade - a tradução poética -, uma vez que para alguns estudiosos é impossível traduzir poesia e, quando isso acontece, o resultado é de qualidade inferior.

Este artigo tem por objetivo analisar a tradução do poema "Annabel Lee" (1849), de Edgar Allan Poe, escrita por Fernando Pessoa e publicada em janeiro de 1925, na Edição número 4 da revista de arte *Athena*. Para isto, nos fundamentamos nos princípios teóricos do poeta-tradutor: o respeito à forma do texto original - estrutura, ritmo, sonoridade e, além do mais, a preservação da sua essência. Vamos observar que há convergências de

concepções entre esses escritores no tocante à musicalidade como essencial na poesia, ou seja, a intensificação do efeito rítmico ao lançar mão de elementos sonoros, como rimas, refrães, aliteraões, etc., recursos bastante utilizados pelos dois poetas. Posto isto, vimos até que ponto o tradutor foi fiel à letra do original. Antes da análise propriamente dita, teço algumas considerações acerca da filosofia poética de Poe e Pessoa e sobre a concepção de tradução do Pessoa-tradutor.

## Poe e Pessoa - filosofia poética em consenso

Falar da poesia de Edgar Allan Poe (1809-1849) é também falar de musicalidade, visto que podemos encontrar uma série de recursos sonoros que permeia o seu acervo de poemas.

Em "The Poetic Principle" (1850), Poe não deixa dúvidas sobre o quão importante é a musicalidade para a poesia, pois é na união desses dois elementos (música e poesia) que o grau de emoção poética pode ser intensificado. Poe afirma que, "*It is in Music, perhaps, that the soul most nearly attains the great end for which, when inspired by the Poetic Sentiment, it struggles - the creation of Supernal Beauty*"<sup>1</sup>, ao passo que define "poesia de palavras" (*poetry of words*) como "A Criação Rítmica de Beleza" (*The Rhythmical Creation of Beauty*). Assim, podemos perceber que o aspecto sonoro em poesia é de grande relevância para Poe, e isso não deve ser negligenciado quando o assunto diz respeito às traduções dos seus poemas. SCHULTZ (2009: 39) observa que, "atenção à métrica, rima e musicalidade são preocupações centrais em Poe e devem ser levadas em consideração quando analisamos versões portuguesas de seus poemas".

---

<sup>1</sup> Talvez seja na Música que a alma melhor consiga alcançar seu intento, quando inspirada no Sentimento Poético que busca - a criação da Beleza divina (as traduções, salvo indicação, são do autor deste artigo).

É certo afirmar que Pessoa é um dos mais ilustres sucessores de Poe, tendo dedicado interesse por sua obra ao traduzir três dos seus poemas: "Annabel Lee", "Ulalume" e, por último, "The Raven" ("O Corvo"), um dos mais traduzidos de toda a história da literatura. Há entre Poe e Pessoa certa semelhança no que concerne aos aspectos temático e estrutural - o interesse pelo místico e a capacidade de criar efeitos musicais em poesia. Conforme LIMA e AISSA (2010: sp), Pessoa, assim como Poe, "também foi um 'poeta dos avessos', brincando sempre com os sons de sua língua", chegando o português "a ser tão sonoro quanto o inglês". Encontramos várias semelhanças de concepções de poesia entre Poe e Pessoa: "a vontade de transmitir um 'efeito' ao leitor (...), o papel da musicalidade", ao mesmo tempo que são "sensíveis ao *fenômeno* [de seu mundo experimentado] e têm a *produção do efeito* poético em seus leitores como objetivo primordial de sua poesia" (LIMA e AISSA 2010: sp; grifos dos autores). Esses autores observam que a tradução de "The Raven", escrita por Pessoa, é "mais melódica do que semântica", talvez em decorrência, entre outros motivos, "de sua crença de que a música era essencial na poesia, concepção esta bastante presente em seus ensaios acerca de poesia" (2010).

FIGUEIREDO (2009: 94) também observa que há entre Poe e Pessoa "uma ligação entre criação artística e elaboração crítica, poética e estética". Ao lermos suas traduções, percebemos que Pessoa consegue recriar várias das técnicas de Poe no que concerne à musicalidade. Para PESSOA (1994: 73), "musicar um poema é acentuar-lhe a emoção, reforçando-lhe o ritmo", o que realmente demonstra existir afinidades poéticas entre os dois escritores. Vale salientar que Pessoa, a exemplo de Poe, também escreveu alguns contos de raciocínio, como: "O Banqueiro Anarquista", "A Carta Mágica" e "A Arte de Raciocinar", e poemas que têm a morte como temática: "A morte chega cedo" e "Temor da morte".

## Pessoa, o poeta-tradutor

No início do século XX, a maneira de traduzir era muito voltada para a questão da fidelidade, do respeito à letra do texto original, da preservação do estrangeiro. Fernando Pessoa, que viveu essa época, aprimorou tal ideia e estabeleceu sua própria teoria, uma poética da tradução, escrevendo ensaios como: "Para uma teoria da tradução", "A arte de traduzir poesia" e "O ritmo e o sentido". Segundo PESSOA (apud LÓPEZ-GAY 2006: 22), "o critério base do tradutor deve ser o de transpor para português tanto o espírito, como a essência da letra, da obra, procurando a mais perfeitamente possível conformidade (...) (formal, semântica e simbólica) da tradução com o texto original" (grifos da autora), ou seja, a integridade do texto original no que se refere à equivalência estrutural, rítmica e de fidelidade ao sentido, é de inegável relevância ao transcrever de uma língua à outra. Para SARAIVA (1996: 47), "É visível, por exemplo, o esforço que Pessoa faz para encontrar rigorosas equivalências semânticas, métricas, rimáticas, fônicas, rítmicas".

A questão do ritmo na tradução de poesia é algo bastante discutido por Pessoa em sua poética. Para o poeta-tradutor, é o ritmo que determina o sentido do poema. Em "O ritmo e o sentido" (1923), Pessoa deixa clara a importância desse elemento na tradução de poesia, quando afirma: "Um poema é uma obra literária em que o sentido se determina *através* do *rhythm*. (...) Na tradução de um poema, portanto, o primeiro elemento a fixar é o *rhythm*" (MARTINS 2004/2005: 9).

Em outro texto intitulado "A arte de traduzir poesia", Pessoa também discute a importância do ritmo em poesia e em tradução, ao passo que apresenta o critério através do qual traduziu "Annabel Lee" e "Ulalume":

Um poema é uma impressão intelectualizada, ou uma ideia convertida em emoção, comunicada a outros por meio de um ritmo. Este ritmo é duplo num só, como os aspectos côncavo e convexo do mesmo arco: é constituído por um ritmo verbal ou musical e por um ritmo visual ou de imagem que lhe corresponde internamente. A

tradução de um poema deve, portanto, conformar-se absolutamente (1) à idéia ou emoção que o constitui, (2) ao ritmo verbal em que essa idéia ou emoção é expressa; deve conformar-se em relação ao ritmo interno ou visual, aderindo às próprias imagens quando possa mas aderindo sempre ao tipo de imagem.

Foi baseado neste critério que fiz as minhas traduções portuguesas de *Annabel Lee* e *Ulalume* de Poe, que traduzi, não pelo grande valor intrínseco que possuem mas por serem um repto permanente aos tradutores (MARTINS 2004/2005: 27)

Além da importância do ritmo e da musicalidade discutida por Pessoa na citação acima, também podemos observar que o poeta tinha uma preferência por traduções que representassem um desafio ao tradutor. Para ele, é gratificante para o tradutor quando um texto apresenta dificuldades na tradução. Em suas próprias palavras, "O único interesse em traduções é quando elas são difíceis, ou seja, de uma língua para outra completamente diferente, ou então de um poema muito complicado para uma língua muito próxima. Não tem nenhuma graça traduzir, digamos, entre espanhol e português" (LOPES 1993: 7).

Segundo FIGUEIREDO (2005: 9), Pessoa é "tão rigoroso quanto à equivalência rítmica da tradução com o original", que na publicação das suas traduções de Poe na revista *Athena* consta da seguinte nota: "Tradução de Fernando Pessoa, rítmicamente conforme com o original". Ao referir-se à tradução de "The Raven", ABRAMO (1999: 104) observa que "Pessoa escreveu um poema a partir das definições métricas de Poe como um engenheiro que executa um projeto de fundação desenhado numa planta".

Pessoa destacou-se não só como poeta, mas também como tradutor de poesia. Paulo Henriques Britto, por exemplo, em uma resenha intitulada "O corvo e suas traduções: Recriações de um poema oral"<sup>2</sup>, admite a genialidade de Pessoa na tradução deste poema, quando afirma:

---

<sup>2</sup> Disponível em: [□http://resenhasbrasil.blogspot.com](http://resenhasbrasil.blogspot.com).

(...) devo confessar que continuo partidário da esplêndida versão de Fernando Pessoa. E não é só porque o poeta português, (...) mantém uma fidelidade absoluta ao esquema de rimas do original, não deixando inclusive de rimar sempre o 2<sup>o</sup>, o 4<sup>o</sup> e o 5<sup>o</sup> versos de cada estrofe com o "mais" do estribilho. O que sempre me pareceu o toque de gênio de Pessoa foi a idéia de omitir o nome de Lenora, pegando o mote do próprio Poe: afinal, o poeta não afirma na segunda estrofe que a amada falecida não tem mais nome aqui na Terra? (BRITTO 1998: s/p)

Ainda com referência à tradução de "O Corvo", MASINI (2002), em palestra<sup>3</sup> sobre tradução de poesia, afirma: "Em minha opinião, as únicas traduções que respeitaram a poesia, e que resgatam pelo menos parte de seu impacto são as de Fernando Pessoa e de Aleixei Bueno" (grifos do autor). Segundo o autor, a rima em "ore" do original foi uma questão delicada para os tradutores, pois não é fácil imaginar uma alternativa para "nunca mais" para traduzir o refrão "never more". Desta forma, os tradutores "tiveram que fazer malabarismos para rimar 'ais' com o nome da namorada do protagonista, 'Lenore'."

## "Annabel Lee"

O tema da morte da mulher amada é uma marca registrada na escrita poeana. Para Poe, "*the death, (...) of a beautiful woman is, unquestionably, the most poetical topic in the world*"<sup>4</sup>. Isso pode ser comprovado tanto na prosa ("Ligeia", "Morella", "Berenice") como na poesia ("Lenore", "The Raven", "Annabel Lee"), exemplos que retratam o sofrimento do narrador pela perda das suas inesquecíveis senhoras.

<sup>3</sup> "Artigos sobre Poética, Poesia e temas afins". Disponível em: [file:///F:/Poesia\\_e\\_tradução\\_palestra.html](file:///F:/Poesia_e_tradução_palestra.html).

<sup>4</sup> A morte de uma bela mulher é, indiscutivelmente, o tema mais poético do mundo.

"Annabel Lee" (1849), publicado postumamente, é um poema que fala de amor, separação e morte. A história de um amor imortal entre o narrador e sua amada é contada pelo o eu lírico de forma profundamente sentimental. O poema contém todos os requisitos exigidos pelo autor: é curto, extremamente musical, melancólico e fala do amor e da morte de uma bela mulher. A seguir, apresento a análise da tradução pessoana de "Annabel Lee".

## Fernando Pessoa e "Annabel Lee"

Em um processo tradutório poderão ocorrer perdas, mas também ganhos, ou melhor, aquilo que o tradutor não conseguiu alcançar em um determinado aspecto poderá alcançar em outro. É a famosa "lei da compensação", como observa August Willemsen, em "O autor da obra alheia"<sup>5</sup>, ao se referir às dificuldades enfrentadas pelo tradutor de poesia. Para SCHULTZ (2009: 39), "As diferenças [entre um texto original e sua tradução] são inevitáveis e não representam necessariamente *perdas* ou *falhas* no processo" (grifos da autora). Porém, "quanto maior a correspondência entre um elemento do original e sua contraparte na tradução, menor terá sido a perda" (BRITTO apud SCHULTZ, 2009: 39).

Na tradução de "Annabel Lee", Fernando Pessoa, assim como Poe, foi engenhoso na criação de rimas e outros recursos sonoros (assonâncias, aliterações, etc.), para manter o ritmo peculiar do texto de partida. Por exemplo, o tradutor omite o nome da amada (Annabel Lee) do eu lírico, presente em todas as estrofes de Poe. Talvez para compensar a "perda" dessa omissão, o tradutor, estrategicamente, substitui o nome próprio pela palavra "amar", podendo, assim, explorar rimas<sup>6</sup> com final "ar", que correspondem às de som vocálico /i:/ presentes no original.

---

<sup>5</sup> Texto de uma palestra proferida em outubro de 1984, na Pós-graduação de Literatura Brasileira da UFSC, e publicado na Revista *Fragmentos* v. 1, n. 1, 1986, pp. 53-65.

<sup>6</sup> Preferimos marcá-las em negrito por elas exercerem um papel de destaque na estrutura rimática do poema.



"Annabel Lee" consta de seis estrofes e número de versos irregular (longos e curtos), não possuindo, portanto, métrica fixa. Três sextetos (estrofes 1, 2 e 4); duas oitavas (estrofes 3 e 6) e uma septilha (estrofe 5). A tradução de Pessoa segue essa mesma estrutura, porém com versos geralmente mais curtos do que no original.

#### Primeira estrofe

It was many and many a year ago, In a kingdom by the sea, That a maiden there lived whom you may know By the name of Annabel Lee; And this maiden she lived with no other thought Than to love and be loved by me.	Foi há muitos e muitos anos já, Num reino de ao pé do mar. Como sabeis todos, vivia lá Aquela que eu soube amar; E vivia sem outro pensamento Que amar-me e eu a adorar.
---	---

Na primeira estrofe (versos 2, 4 e 6) temos *sea*, *Lee* e *me* (assonantes com /i:/) traduzidos por "mar", "amar" e "adorar" (dois verbos e um substantivo terminados em *ar*). No verso 1, Pessoa traduz literalmente *many and many* por "muitos e muitos", conservando a mesma anáfora do original, que, juntamente com "anos", produz uma aliteração com o sibilante "s", também presente no verso 3 (sabeis todos). Nos versos 1 e 3, temos a rima *ago/know*, que também rima em "já/lá". Encontramos também rimas internas com os vocálicos /ei/ e /i:/ nos versos 3, 4, 5 e 6 (*maiden/may/name; be/me*). Em Pessoa temos o vocábico "a" nos versos 1 (há/já), 3-4 (lá/aquela) e 6 (amar/adorar). Podemos observar que o mesmo número de versos com rimas internas no original é encontrado na tradução. Apesar de Pessoa ter substituído o nome de Annabel Lee por "amar" e omitido a tradução de *maiden* (donzela) nos versos 3 e 5, não houve alteração quanto ao aspecto semântico. Devemos salientar que, *sea* e *Lee*, são traduzidos por "mar" e "amar" em todas as estrofes.

## Segunda estrofe

I was a child and she was a child, In this kingdom by the sea; But we loved with a love that was more than love- I and my Annabel Lee; With a love that the winged seraphs of heaven Coveted her and me.	Eu era criança e ela era criança, Neste reino ao pé do mar; Mas o nosso amor era mais que amor -- O meu e o dela a amar; Um amor que os anjos do céu vieram a ambos nós invejar.
---	---

Na segunda estrofe temos *sea* e *Lee* traduzidos por "mar" e "amar" (como observado acima), e *me* é substituído por "invejar". Os outros versos são livres (sem rima) tanto no original como na tradução. Encontramos uma anáfora no verso 1 (*was a child/was a child*) preservada na tradução (era criança/era criança) e, no verso 3 (*loved/love/love*), Pessoa mantém a anáfora com o substantivo "amor ... amor", mas o verbo é omitido na tradução. Ainda no verso 1 da tradução podemos observar a assonância em "a" e "e" (era/ela/era), ausente no original. No verso 3, Pessoa, possivelmente, tentou compensar a aliteração em w (*we/with/was*) e l (*loved/love*) pelo sibilante s (mas/nosso/mais), que é intensificado nos versos 5 e 6 (os anjos/céu/ambos/nós). Além do mais, há uma combinação de aliteração/assonância em os (os anjos/ambos). Percebemos, até aqui, que o tradutor se manteve fiel à essência do texto de partida.

## Terceira estrofe

And this was the reason that, long ago, In this kingdom by the sea, A wind blew out of a cloud, chilling My beautiful Annabel Lee; So that her highborn kinsman came And bore her away from me, To shut her up in a sepulchre In this kingdom by the sea.	E foi esta a razão por que, há muitos anos, Neste reino ao pé do mar, Um vento saiu duma nuvem, gelando A linda que eu soube amar; E o seu parente fidalgo veio De longe a me a tirar, Para a fechar num sepulcro Neste reino ao pé do mar.
--	---

Na terceira estrofe, Pessoa substitui *me* por "tirar" para rimar com "mar" e "amar", mantendo a mesma estrutura rímica do original. No verso 3, temos a assonância do vocábico nasal u em várias palavras

(Um/saiu/duma/nuvem), que supera o registro sonoro no verso de Poe com o ditongo ou em apenas duas palavras (out/cloud). Nos versos 6 e 7, podemos perceber uma rima interna em "tirar" e "fechar", assim como a repetição do vocábico a (a/tirar/para/fechar), ficando mais sonoros do que os mesmos versos no original. Nesta estrofe o tradutor também manteve o nível semântico inalterado.

#### Quarta estrofe

The angels, not half so happy in heaven, Went envying her and me- Yes!- that was the reason (as all men know, In this kingdom by the sea) That the wind came out of the cloud by night, Chilling and killing my Annabel Lee.	E os anjos, menos felizes no céu, Ainda a nos <b>invejar</b> ... Sim, foi essa a razão (como sabem todos, Neste reino ao pé do <b>mar</b> ) Que o vento saiu da nuvem de noite Gelando e matando a que eu soube <b>amar</b> .
--	---

Na quarta estrofe, a exemplo da segunda, *me*, *sea* e *Lee* também são substituídos por "invejar, mar e amar". No verso 1 traduzido, observamos uma aliteração com o sibilante s (os anjos/menos felizes/céu) que concentra um registro tão sonoro quanto a combinação da aliteração em h com os vocálicos e e ae no verso em inglês (*half*, *happy* e *heaven*). No verso 3, os sibilantes /s/ e /z/ vão ocorrer igualmente em Poe (*Yes/was/reason/as*) e em Pessoa (sim/essa/razão/sabem/todos), elevando o registro sonoro da tradução. No último verso, Pessoa conservou a rima interna (gelando/matando) do original (chilling/killing). Aqui também a essência do original foi preservada.

#### Quinta estrofe

But our love it was stronger by far than the love Of those who were older than we- Of many far wiser than we- And neither the angels in heaven above, Nor the demons down under the sea, Can ever dissever my soul from the soul Of the beautiful Annabel Lee.	Mas o nosso amor era mais que o amor De muitos mais velhos a <b>amar</b> , De muitos de mais <b>meditar</b> , E nem os anjos do céu lá em cima, Nem demônios debaixo do <b>mar</b> Poderão separar a minha alma da alma Da linda que eu soube <b>amar</b> .
---	---

Na quinta estrofe, a rima em *we* é substituída por "amar" e "meditar", verbos com final ar como nas demais estrofes, mantendo a mesma estrutura rímica do original. No verso 1, Pessoa repete a tradução do verso 3 da segunda estrofe, acrescentando apenas o artigo o (Mas o nosso amor era mais que o amor), necessário para completar o sentido dos dois versos seguintes, e omite a tradução de *stronger* (mais forte), porém o sentido do verso não é comprometido. No verso 2, Pessoa, estrategicamente, traduz *Of those* por "De muitos" para produzir uma anáfora com o início do verso 3 em *Of many* (De muitos). Se ele tivesse traduzido literalmente *Of those* por "Daqueles", a anáfora não teria sido produzida nem a sonoridade teria sido a mesma. O verso 3, foi traduzido por "De muitos de mais meditar" e não literalmente por "De muitos mais sábios do que nós", constituindo uma estratégia do tradutor para produzir a rima (amar/meditar).

Quanto aos versos 1-4, podemos perceber a vasta repetição do sibilante s (mas/nosso/mais/muitos/velhos/os/anjos/céu/cima). No verso 5, temos uma aliteração em d (demônios/debaixo/do) que corresponde às palavras em inglês (*demons/down/under*). No verso 6, observamos a anáfora com a repetição da palavra "alma", assim como *soul* no original. Nos versos 6 e 7, encontramos a farta assonância do a em várias palavras (separa minha alma da alma/Da linda, amar), que não é encontrada nos mesmos versos de Poe. Nos versos 1 e 4, encontramos uma rima perfeita em *love/above*, rima esta que Pessoa não conseguiu criar. Contudo, talvez para compensar essa ausência, o tradutor construiu uma rima (imperfeita) com "cima/alma" (versos 4 e 6), tornando a quinta estrofe diferente das demais, com rimas irregulares, como no original, o que pode ter sido um "jogo de mestre" do tradutor. Mais uma vez, Pessoa foi criativo e fiel à forma e ao sentido dos versos de Poe.

## Sexta estrofe

For the moon never beams without bringing me dreams Of the beautiful Annabel Lee; And the stars never rise but I feel the bright eyes Of the beautiful Annabel Lee; And so, all the night-tide, I lie down by the side Of my darling, my darling, my life and my bride, In the sepulchre there by the sea, In her tomb by the sounding sea.	Porque os luares tristonhos só me trazem sonhos Da linda que eu soube amar; E as estrelas nos ares só me lembram olhares Da linda que eu soube amar; E assim 'stou deitado toda a noite ao lado Do meu anjo, meu anjo, meu sonho e meu fado, No sepulcro ao pé do mar, Ao pé do murmúrio do mar.
--	---

Na última estrofe, encontramos, no verso 1, a assonância do vocábico /i:/ em *beams*, *me*, e *dreams* e a aliteração do /m/ em *moon*, *beams*, *me* e *dreams*, substituídos, em Pessoa, pela repetição do vocábico o e do sibilante s, concomitantemente (os luares tristonhos só, sonhos). Devo ressaltar que, neste verso, Pessoa transformou em plural o que era singular e, ao mesmo tempo, inverteu a mensagem do original. O poeta traduziu *moon* (lua, luar) por "luares", e o que era positivo em Poe transformou-se em negativo em Pessoa. O verbo *beam* significa "emitir raios de luz" ou, poeticamente, "brilhar, sorrir, irradiar alegria". Assim, a tradução literal do verso seria: "Pois a lua nunca brilha sem me trazer sonhos" (da bela Annabel Lee - verso 2), ou seja, o narrador só tem sonhos (bons) com a sua amada quando a lua brilha. A lua, ao emitir luz, lhe é favorável, pois renasce a esperança de ter o seu grande amor em seus sonhos. Ao contrário, o eu lírico de Pessoa diz que "os luares tristonhos" (sem brilho) só lhe "trazem sonhos", certamente também tristes, devido à dor da perda da sua amada. Em Poe, os sonhos trazidos pelo luar têm caráter positivo, porque eles só surgem quando a lua brilha, enquanto que, em Pessoa, os sonhos têm caráter negativo, porque provêm de "luares tristonhos". Desta forma, o tradutor talvez tenha optado por abrir mão do sentido em detrimento da forma, da sonoridade e do ritmo, como estabelece sua teoria que privilegia esse aspecto.

Nos versos 1, 3 e 5, verificamos algumas rimas internas (tristonhos/sonhos; ares/olhares; deitado/lado) e nos versos 3 e 5, há uma vasta combinação dos vocálicos tônicos a e e com o sibilante s (as estrelas, ares, olhares, assim, 'stou), que pode ter sido uma estratégia do tradutor para compensar o farto uso do som vocálico /ai/ em *rise*, *bright*, *eyes*, *night-tide*, *lie*, *side*, *life* e *bride* (versos 3, 5 e 6). Nos versos 5 e 6, encontramos a rima perfeita "lado/fado" correspondente à mesma em inglês *side/bride*. Pessoa preferiu traduzir *bride* (noiva) por "fado" (destino) para rimar com "lado", o que faz sentido, considerando ser sua amada seu destino. No verso 6, o tradutor foi mais uma vez engenhoso ao traduzir *darling* (querida, amada) por "anjo" e *life* (vida) por "sonho", produzindo uma assonância com o vocálico o nas palavras "Do, anjo, sonho e fado" (verso 6), além de criar uma anáfora com a repetição de "meu anjo" em posição equivalente ao original (*my darling*).

Exceto o sentido inverso construído por Pessoa no verso 1, o nível semântico da estrofe como um todo não sofreu alterações, assim como a sonoridade e o ritmo do original foram preservados. Como afirma MASINI (2002: sp),<sup>7</sup> "Evidentemente não é possível, em outro idioma, manter intactos o sentido e a forma da poesia original" (grifos do autor).

O poema (original e tradução) tem a seguinte estrutura rímica:

	<u>ORIGINAL</u>	<u>TRADUÇÃO</u>
Primeira estrofe (6 versos)	a b a b x b	a b a b x b
Segunda estrofe (6 versos)	x a x a x a	x a x a x a
Terceira estrofe (8 versos)	x a x a x a x a	x a x a x a x a
Quarta estrofe (6 versos)	x a x a x a	x a x a x a
Quinta estrofe (7 versos)	a b b a b x b	x a a b a b a
Sexta estrofe (8 versos)	x a x a b b a a	x a x a b b a a

<sup>7</sup> "Artigos sobre Poética, Poesia e temas afins". Disponível em:  
[file:///F:/Poesia\\_e\\_tradução\\_palestra.html](file:///F:/Poesia_e_tradução_palestra.html)

Considerando o exposto, devo dizer que Fernando Pessoa foi bastante criterioso e criativo ao verter "Annabel Lee" para o português, seguindo os seus princípios teóricos de poeta e tradutor - o respeito à letra, à essência, à estrutura e à rítmica do texto original. Observamos através desta análise que o trabalho do Pessoa-tradutor apresenta características formais que muito se aproximam do poema de Poe, o que demonstra a sua fidelidade à obra alheia. A substituição do nome Annabel Lee pelo verbo "amar" foi um jogo de mestre, apesar de o poeta não ter conseguido encontrar a sua rima para *love/above* (quinta estrofe, versos 1 e 4). Logo, o referido verbo inspirou-lhe a ideia de criar outras palavras possíveis de rimar com "ar" e que pudessem substituir no português outros termos com o vocábulo /i:/ em inglês, resultando na mesma estrutura rítmica do original e na preservação do seu conteúdo. Devo salientar que Pessoa conhecia bem as duas línguas (inglês e português), o que lhe facilitou na tarefa de traduzir. Podemos perceber que o esmero com o qual o poema foi traduzido é digno de um escritor do quilate de Fernando Pessoa.

## Referências bibliográficas

BRITTO, Paulo Henriques. O Corvo e suas traduções: Recriações de um poema oral. 11/jul/98. Disponível em: <http://resenhasbrasil.blogspot.com>. Acesso em: 19.09.2011.

FIGUEIREDO, Vivina Almeida Carreira de Campos. Fernando Pessoa e a tradução. *Hermeneus: Revista de Traducción e Interpretación*, n. 7, 2005, pp. 1-19.

FIGUEIREDO, Vivina Carreira. Fortuna literária de Edgar Allan Poe traduzido em Portugal. *Cadernos de Tradução* (UFSC), Florianópolis, v. 2, nº 24, 2009, p. 65-94. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/tradução>.

LIMA, Dhandara Soares de; AISSA, José Carlos. O fazer poético de Edgar Allan Poe e Fernando Pessoa. In: 1<sup>o</sup> Colóquio Internacional de Estudos Lingüísticos e

Literários e 4<sup>o</sup> Colóquio de Estudos Lingüísticos e Literários. Junho/2010. Maringá-PR. *Anais* - ISSN 2177-6350.

LOPES, Teresa Rita (Coord.). *Pessoa Inédito*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

LÓPEZ-GAY, Patrícia. O Banqueiro Anarquista, de Fernando Pessoa - Reflexões sobre a Autotradução. Instituto Camões de Lisboa, 2006. Disponível em: [http://cvc.instituto-camões.pt/bdc/artigos/banqueiroanarquista\\_pt.pdf](http://cvc.instituto-camões.pt/bdc/artigos/banqueiroanarquista_pt.pdf).

MARTINS, Luís F. C. Arruda. 'Naval Ode': Um exercício de auto-tradução por Fernando Pessoa. Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2004/2005, p. 1-39. Disponível em: <http://issuu.com/jardinsdagua/docs/translation>.

MASINI, André Carlos Salzano. Poesia e Tradução (Palestra): O papel e a importância da métrica regular na poesia; a tradução da poesia metrificada. Santo André/SP, 2002. Disponível em: Artigos sobre Poética, Poesia e temas afins / [file:///F:/Poesia\\_e\\_tradução\\_palestra.html](file:///F:/Poesia_e_tradução_palestra.html). Acesso em: 22.09.2011.

PESSOA, Fernando. *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. 2<sup>a</sup>. Ed., Lisboa: Ática, 1994.

MABBOTT, T. O. (Ed.). *The selected poetry and prose of Edgar Allan Poe*. New York: The Modern Library, 1953.

SARAIVA, Arnaldo. *Fernando Pessoa Poeta - Tradutor de Poetas*. Porto: Lello Editores, 1996.

SCHULTZ, Erica Foerthmann. Qual é o seu corvo predileto?. *Letras de Hoje*, v. 44, n<sup>o</sup> 2, Porto Alegre, abr./jun. 2009, p. 36-39.

WILLEMSEN, August. O autor da obra alheia. Revista *Fragments*. Florianópolis, v. 1, n<sup>o</sup> 1, jan/jun 1986, p. 53-65.